

O MILAGRE DA RUA HUSEMANN

Prenzlauer Berg é o bairro mais interessante — não direi colorido, porém *charmant* e algo misterioso — de Berlim Oriental. É o bairro dos *punks* e da, se assim podemos chamar, cultura alternativa do setor comunista, bem como de discretos núcleos refratários ao regime, organizados em grêmios culturais ou em torno das igrejas católica ou protestante. Fisicamente, é formado de imensos e soturnos sobrados do século passado, hoje em petição de miséria: são fachadas neoclássicas, estropiadas, muitas no reboco, muitas marcadas ainda pelos petardos da última Guerra. O bairro possui bares e restaurantes com um espírito muito típico, muito “Leste Europeu”, extremamente gostoso, pelo menos para quem gosta (como eu). Lembra vagamente Kreuzberg (o bairro dos turcos) em Berlim Ocidental, não só por seus casarões decadentes e fauna humana “alternativa”, como pela peculiaridade de, nos dois locais, o metrô aflorar do chão e correr por pista elevada.

No meio daquela imensa massa de palacetes arruinados, alguns sugerindo cabeças-de-porco, o regime comunista reformou minuciosamente metade de uma rua, a Rua Husemann, perfeitamente de acordo ao modelo original das construções. Numa delas, organizou um Museu sobre as Condições de Trabalho em Berlim em 1900. E instalou, ao longo do trecho, uma série de lojas exatamente no estilo e decoração da Berlim do início do século. As lojas atendem normalmente ao público e são, pelo que pude apurar, favorecidas pela rede de distribuição estatal. Num dos dias em que visitei a Rua Husemann, somente em sua quitanda se encontravam laranjas à venda, na cidade.

Além da quitanda, a Rua Husemann possui restaurante, agência postal, cabeleireiro, café, casa de louças, livraria, salão para cachorro, vidraceiro, restaurador, alfaiate, sapateiro, casa de tecidos, cutelaria, casa de flores, farmácia, tipografia, salão de modas, armazém, loja de porcelana, armário — tudo em *Jugendstil* (*art nouveau*), e muito bem decorado. O que vale até para as cabines telefônicas na calçada...

Todo este trecho da rua funciona como um pequeno monumento vivo da Berlim na passagem do século. (Demonstra também uma surpreendente criatividade governamental.) Como foi possível? Berlim Ocidental oferece, entre suas atrações turísticas, uma rua também restaurada no estilo original, a Rua Christo. Porém ela não tem loja alguma — e, de resto, é uma chatice, não vale uma foto...

Já as lojas da Rua Husemann — embora algumas privadas, como a loja de flores — foram concentradas lá, todas, por decisão governamental, e estamos conversados. Me pergunto se seria o melhor negócio comercial uma casa de modas, como a da Rua Husemann, oferecer na vitrina, cartolas e vestidos de veludo com anquinhas (talvez apenas para um baile de fantasias). O que é que você quer? O governo decidiu encenar essa representação das condições históricas do comércio da cidade, tais comerciantes não passam (como de resto quase todo mundo no país) de funcionários públicos. (Imagino que se as lojas dão prejuízo, eles não estão nem aí...)

O governo anunciara que reformaria toda a Rua Husemann, mas parece que a verba acabou: só reformou metade, menos de 200 metros. A partir dali, na mesma rua, voltam os pardieiros e casarões estropiados, com velhas lixeiras enferrujadas na calçada. Mas eu achei a obra, em todo caso, muito honesta. Isso porque visitei por dentro alguns daqueles casarões reformados e pude constatar que todos eles foram reformados de fato, de alto a baixo, por dentro e por fora. Em 1959, quando estive em Berlim pela primeira vez, lembro-me que o regime comunista ufanava-se muito da primeira grande avenida que construíra (em horrendo e maciço estilo stalinista): a Stalinallee (hoje Karl-Marx Allee); ao longo dela, viam-se, a uma certa distância, *quilômetros* de palacetes gloriozamente reformados, reluzentes. Mas quem os visitasse iria ter um choque: a reforma limitara-se rigorosamente à casca voltada para a Stalinallee: transposto os umbrais novinhos, penetrava-se em verdadeiras ruínas de guerra! Durante muitos anos costumava notar que somente o stalinismo teria o cinismo de investir tanto em prol das aparências, do faz-de-conta.

Mas agora, na Rua Husemann, a verba acabou e a obra teve de parar nos 200 metros. Por toda a volta, no resto da Prenzlauer Berg, os sobradões continuam caindo aos pedaços. Mas o que pôde ser feito, foi feito honestamente.

Sim, há melhoras no pensamento do stalinismo alemão...